

veja Rio

vejario.com.br
maio de 2021



Dona Íris,
96 anos, com
a neta Juliana
Paes e a filha
Regina Célia

O REENCONTRO

O avanço da vacinação contra a Covid-19 começa a abrir a vovôs e vovós a porta para o mundo lá fora e a chance de matar a doída saudade da família

I CARTA AO LEITOR



FOTOS: LEO LIMOS



O valor do afeto

Após catorze meses completamente isolada, Zezé Motta é enfática: “Agora vou mimá-los bastante”. Desde que a pandemia teve início por aqui e o distanciamento social se tornou regra de sobrevivência, a atriz de 76 anos assistiu de longe o crescimento dos netos, Gabriel, de 11 anos, e Sofia, 2. A única alternativa possível era acompanhar os primeiros passinhos, palavras e gracinhas da pequena através dos vídeos enviados pela família, uma angústia que só chegou ao fim há poucos dias. Depois de ter tomado as duas doses do imunizante contra a Covid-19, a saudosa vovó se sentiu mais segura para restabelecer parte da antiga rotina e voltou a receber as crianças dentro de casa. O avanço da vacinação, que já atinge 97% da população acima de 60 anos no Rio e fez cair o número de mortes nessa faixa etária, representa uma injeção de esperança para os idosos. E também para seus netos, como a atriz Juliana Paes e os colegas Jéssica Ellen e Luis Lobianco, que relatam a emoção do reencontro com avós e avôs na matéria de capa desta edição.

Ainda que certos cuidados se façam necessários, a imunização da população é motivo de alegria em meio à avalanche de tristeza provocada pela morte de milhares de brasileiros, como o humorista Paulo Gustavo (1978-2021). Em entrevista para a seção Amarelinhas, uma de suas melhores amigas e parceira de trabalho, a atriz Mônica Martelli, ressalta o importante legado deixado por ele: “Através da sua obra, do casamento com o Thales e dos seus filhos, o Paulo ajudou pessoas preconceituosas a rever seus conceitos e mostrou que família é amor, não importa a configuração”. Entre o alívio e o luto, reencontros emocionados e saudades eternas, uma coisa é certa: o afeto nunca se fez tão necessário. ■



Fernanda Thedim,
editora-chefe



Juliana Paes
com a mãe e a
avó, Regina e
Íris: reencontro
emocionado

INJEÇÃO DE ESPERANÇA

Como o vírus afetou a vida dos idosos no Rio...

50%

relataram sensação de tristeza ou depressão por causa do isolamento



47%

tiveram queda na renda mensal desde o início da pandemia



19%

foi o crescimento entre os usuários do Facebook no Brasil nesse contingente



...e o alívio trazido pela vacinação

97%

já tomaram a primeira dose



50%

receberam a segunda espetadela



65%

de redução nas mortes de idosos de 80 a 89 anos entre dezembro passado e março de 2021



Fontes: Fiocruz, prefeitura do Rio, FGV Social, Facebook e SeniorLab

nem é chegada num chamego, mas a saudade era tanta que a primeira coisa que minha avó disse quando me viu foi: 'Te amo'. Meu coração derreteu", desabafa Juliana.

Como 75% das vítimas da Covid-19 no Rio têm acima de 60 anos, o avanço da imunização contra o vírus representa a possibilidade real e segura para que a turma dessa faixa volte a encontrar parentes mais próximos e receber afagos que, como nunca, se mostram tão valiosos. Para que o retorno ao contato olho no olho não leve a mais contágio, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC) divulgou, em março, um guia com diretrizes voltadas aos idosos vacinados. Segundo os especialistas, duas semanas após a derradeira espetadela é possível visitar ou ser visitado por pessoas não vacinadas, desde que elas não possuam nenhuma comorbidade — ou seja, consideradas de baixo risco para o desenvolvimento de formas graves da doença. Mas máscaras e distanciamento são uma proteção ainda bem-vinda. "Reencontros já são possíveis, mas aconselho que haja o menor número de pessoas e que ocorram em lugares bem ventilados", frisa a presidente da Sociedade de Infectologia do Rio de Janeiro, Tânia Vergara. "No Brasil, ainda estamos num patamar alto de infecções e mortes. Temos de fazer a nossa parte para evitar a propagação do novo coronavírus", lembra a médica.

A agência americana CDC recomenda que reuniões que incluam idosos vacinados devam juntar até dez pessoas, sempre de um mesmo núcleo familiar. A regra vem sendo aplicada até com mais rigor pela atriz e cantora Jéssica Ellen, 28 anos: os demorados almoços que no início de 2020 registravam dezenas de primos e tios na casa da avó Madalena Pereira, de 79 anos, se resumem hoje a modestas reuniões de, no máximo, três convivas. "Não é como antes, mas certamente é melhor do que nada", resigna-se a atriz, que viu um fosso se abrir entre ela e dona Madalena. "Sempre fomos muito conectadas e, na pandemia, a diferença de gerações se revelou. O celular dela nem câmera tem, era difícil saber como ela estava. Agora ganhamos um pouco de liberdade", diz Jéssica, que retomou as idas à casa da avó, devidamente imunizada. A crise pandêmica também não deu trégua ao ator Luis Lobianco, 39 anos, e sua avó Izabela Aguiar, 98. Por causa da idade avançada e da audição comprometida, ela não se adaptou às chamadas por vídeo. "Até insisti por um tempo, mas não deu", ele conta. Apesar da extrema lucidez de dona Izabela, Lobianco teve receio de que se sentisse abandonada e caísse em melancolia. "A vacina foi a salvação, pra ela e pra mim, estava sentindo uma falta gigantesca", reconhece o ator, já sonhando longe, com um rega-bofe para celebrar o centenário da matriarca, em 2023.



FOTOS: LEO UNOS

Após a vacina:
Jéssica Ellen e
dona Madá
juntas de novo





Zezé Motta
com os netos:
"Agora vou mimá-
los bastante"

A preocupação dos jovens com a geração mais velha, que em boa parte ficou radicalmente quarentenada, se justifica. Mesmo antes de a pandemia exibir sua face, solidão, desamparo e, consequentemente, depressão já eram males que rondavam esse grupo. A última Pesquisa Nacional de Saúde do IBGE, de 2019, mostrou que a doença atinge 13,2% dos brasileiros entre 60 e 64 anos — justamente a faixa com mais infectados pelo novo coronavírus. A necessidade do distanciamento social naturalmente acentuou o problema. De acordo com um estudo publicado no ano passado na revista britânica *The Lancet*, o isolamento é um fator de risco para doenças físicas e mentais em pessoas acima dos 65 anos, elevando a probabilidade de ansiedade, doenças cardíacas e AVC. "Precisei recorrer a sessões de terapia on-line e a muita oração para manter a fé viva", diz Zezé Motta. Muito ativa, antes ela mal sossegava no Rio, fazendo shows por todo o país. Do dia para a noite estava trancada em casa, perdeu a mãe de 95 anos e diversos amigos para o vírus — e ainda viu formar-se uma barreira entre ela e os netos de 2 e 11 anos. "É duro demais para o coração de uma avó", enfatiza.

Se em certo ponto da pandemia a metade dos idosos cariocas relatou sensação de tristeza ou mesmo depressão, em uma pesquisa promovida pelo Instituto de Comunicação e Informação em Saúde, da Fiocruz, agora as estatísticas caminham em outra direção — e isso é bom. "O retorno gradual às atividades sociais e a retomada do contato com familiares vão impactar na qualidade de vida e no bem-estar da maior parte dos idosos, tanto no aspecto físico como no mental", avalia o médico Felipe Sudo, especialista em psicogeriatria. Uma sensação que Cristina Torres, 75 anos, começou a experimentar bem recentemente, após os quinze dias da segunda dose da CoronaVac. "Foram meses sem sair de casa, acenando para os vizinhos da varanda e falando com a família pelo celular", rememora a professora aposentada, que passeava pela Nova Zelândia quando a quarentena foi decretada no Brasil. Ao aterrissar no Galeão, rumou direto para o isolamento, literalmente, no apartamento em que mora sozinha, em Laranjeiras. "A injeção foi a minha recompensa. Poder reunir meus netos novamente e vê-los animados e felizes me enche de vida e planos", festeja.

O período de afastamento foi igualmente doloroso para as crianças. Absortas por telas das mais variadas — de smartphones, computadores e TVs — desde a eclosão do vírus, elas têm maior capacidade de adaptação, mas, por outro lado, não lidam tão bem com rupturas que signifiquem uma guinada na rotina. Ainda mais quando se trata de entes tão próximos e afetuosos, acostumados a entretê-los e abraçá-los. "Os avós existem para dar carinho e aco-

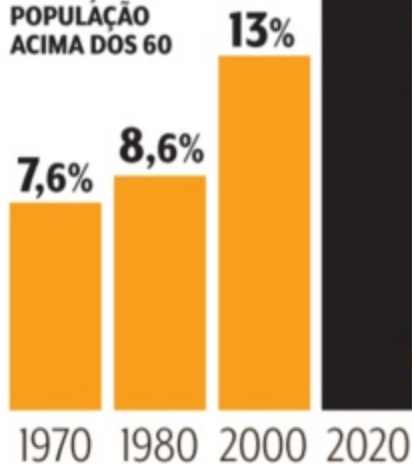


Luis Lobianco:
planos para
os 100 anos de
dona Izabela

O RETRATO DOS IDOSOS

Quem é a turma mais velha no Rio

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO ACIMA DOS 60



A PIRÂMIDE ETÁRIA DO MUNICÍPIO

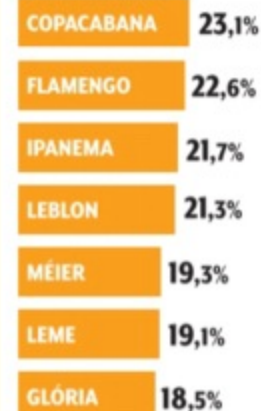


O Rio é a cidade com o maior número de idosos do Brasil

RANKING NACIONAL DA TERCEIRA IDADE



PORCENTUAL POR BAIRRO



Fontes: IBGE, prefeitura do Rio e SeniorLab

Casa cheia:
a aposentada
Cristina Torres
com os cinco netos



FOTOS: LEO LEMOS

lhimento. E, hoje em dia, eles têm muito mais energia, conseguem acompanhar o cotidiano dos netos, participam de várias atividades. Além de reforçar os vínculos familiares, essa relação só traz benefícios para ambos os lados”, explica o psiquiatra infantil Fabio Barbirato. Os cinco netos da professora aposentada Cristina Torres estão bem cientes de quão precioso é tal laço. “É muito bom saber que a casa dela está aberta de novo. Foi chato ficar afastado e, agora, não queremos mais sair de lá”, ressalta Felipe Torres, 14 anos, que faz coro com os primos Maria Eduarda, 16, Rafael, 13, Arthur, 7, e Luiza, 6.

No Brasil, não há cidade com maior concentração de habitantes acima dos 60 anos que o Rio de Janeiro. Esse contingente cresceu 47,5% na última década, alcançando 1,5 milhão de pessoas, enquanto o grupo que compreende crianças e jovens de até 19 anos recuou 15,3% e possui menos gente — 1,4 milhão de cariocas, segundo números divulgados em outubro pela consultoria de marketing e negócios SeniorLab em parceria com o IBGE. Em outra frente, o IBGE lançou dados que serviram de base para o estudo Impactos Sociais da Covid-19, da FGV Social, que concluiu que, por ser uma cidade turística, era natural que o vírus se espalhasse como rastilho de pólvora em terras cariocas, afetando nos primeiros tempos, majoritariamente, a turma mais velha e vulnerável à doença. O descuido na largada em relação à testagem os deixou em situação ainda mais delicada. “Nossos idosos ficaram desprotegidos. Apenas 12% das pessoas acima dos 60 passaram por testes de detecção do novo coronavírus no último ano”, destaca o economista Marcelo Neri, da FGV Social, que pondera: “Se por um ângulo a pandemia foi devastadora no Rio para essa faixa etária, por outro, mais otimista, a vacinação é agora promissora para essas pessoas”.

Os efeitos da vacinação são perceptíveis em países como Israel e Estados Unidos, onde a flexibilização das atividades tem avançado de forma gradual em meio a índices controlados de contaminação. Apesar de as curvas ainda oscilarem e o ritmo da vacinação ser aquém da demanda — no Rio e no restante do Brasil —, a morte de cariocas entre 80 e 89 anos retrocedeu quase 65% de dezembro passado a março de 2021, de acordo com a ONG Impulso Gov, com base em dados do Registro Civil. A Secretaria Estadual de Saúde mostra também que, entre março e abril, a proporção de idosos com mais de 70 anos internados por síndrome respiratória aguda grave (SRAG) respondeu por 27,3% das hospitalizações, abaixo dos 34,6% de antes da vacinação. “Confesso que estava com tanta saudade do meu neto que tomei a vacina e fui encontrá-lo. Não vejo a hora de voltar a passear de mãos dadas no shopping e ir ao cinema. Ele é meu companheirinho da



Vovó Rita e o pequeno Davi: “Meu companheirinho”

vida”, define a secretária aposentada Rita de Medeiros, 73 anos, avó de Davi, de 7, que ainda busca manter uma cautelosa rotina contra a Covid-19. “Senti tanta falta que chegava a acariciar o rostinho dele pelo celular, mas o telefone jamais vai substituir um cheiro no cangote”, diz.

Mesmo com os bons resultados trazidos pela imunização, especialistas são unânimes em afirmar que desafios persistem no horizonte. Novas e mais severas variantes do vírus circulam na cidade e vêm atingindo adultos jovens de maneira muito mais frequente que na primeira onda. “As vacinas reduzem as formas graves da doença e os óbitos, mas as pessoas imunizadas podem se infectar e transmitir o coronavírus. Precisamos ter uma cobertura maciça para relaxar com as medidas de proteção individual”, defende a médica Tânia Vergara, que acha prudente, por ora, manter o cotovelo com cotovelo no lugar de beijinhos e abraços — e as máscaras. A estimativa é que a proteção coletiva contra o novo coronavírus aconteça quando cerca de 160 milhões de brasileiros, entre 70% e 80% da população, estiverem vacinados. Até lá, é seguir regamente as recomendações, desfrutando as pequenas e prazerosas liberdades que o momento permite. “Agora que já tomei as duas doses, só penso nas tardes livres que terei com os meus netos”, suspira Zezé Motta. Eles e os outros pimpolhos que ficaram privados de tão incondicional amor só têm a ganhar. Como cunhou o escritor americano Alexander Haley (1921-1992): “Os avós salpicam uma espécie de pó estelar sobre a vida das crianças”. ■